



Morfologia urbana, Pequenas cidades e Desenvolvimento regionais na Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado-RS-Brasil

Rogério Leandro Lima da Silveira

Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1003-9470>

Carolina Rezende Faccin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2850-158X>

Luana Pavan Detoni

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Rio Grande do Sul - Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9681-0045>

Paulo Jorge Riss da Silva

Universidade de Santa Cruz do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6281-809X>

Resumo

A morfologia urbana ao estudar como as cidades são construídas e transformadas em um determinado período, e em contextos regionais pode aportar importantes contribuições para a análise dos fenômenos da urbanização e do desenvolvimento urbano e regional. Este artigo analisa comparativamente a morfologia urbana, por meio de uma abordagem histórico-geográfica, de três cidades pequenas da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado: Sobradinho, Rio Pardo e Encantado. Utilizando dados do Censo Demográfico de 2010 e 2022 do IBGE, imagens de satélite do *Landsat* e referencial bibliográfico. Examina-se as especificidades históricas, geográficas e socioeconômicas dos municípios e de seus contextos regionais. Observa-se um padrão de segregação centro-periferia, com áreas centrais concentrando maior densidade populacional e melhores condições econômicas, enquanto áreas periféricas possuem menos recursos. Sobradinho destaca-se pela configuração compacta, Rio Pardo pelo crescimento espraiado e economia agrícola, e Encantado pela expansão urbana mais acentuada, crescimento fragmentado e economia diversificada.

Palavras-chave: Urbanização. Forma Urbana. Pequenas cidades. Desenvolvimento Regional.

Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado-RS.

Urban morphology, small towns and regional development in the intermediate region of Santa Cruz do Sul and Lajeado-RS-Brazil

Abstract

By studying how cities are built and transformed in a given period and in regional contexts, urban morphology can make important contributions to the analysis of urbanization phenomena and urban and regional development. This article takes a historical-geographical approach to comparatively analyzing the urban morphology of three small towns in the Intermediate Region of Santa Cruz do Sul and Lajeado: Sobradinho, Rio Pardo and Encantado. Using data from the 2010 and 2022 IBGE Demographic Census, Landsat satellite images and bibliographic references. The historical, geographical and socio-economic specificities of the municipalities and their regional contexts are examined. A pattern of center-periphery segregation is observed, with central areas concentrating greater population density and better economic conditions, while peripheral areas have fewer resources. The city of Sobradinho stands out for its compact configuration, Rio Pardo for its sprawling growth and agricultural economy, and Encantado for its more pronounced urban expansion, fragmented growth and diversified economy.

Key Words: Urbanization. Urban Form. Small Towns. Regional Development. Intermediate Region of Santa Cruz do Sul and Lajeado-RS.

Morfología urbana, pequeñas ciudades y desarrollo regional en la región intermedia de Santa Cruz do Sul y Lajeado-RS-Brasil

Resumen

Al estudiar cómo se construyen y transforman las ciudades en un período determinado y en contextos regionales, la morfología urbana puede aportar importantes contribuciones al análisis de los fenómenos de urbanización y desarrollo urbano y regional. El artículo analiza comparativamente la morfología urbana, utilizando un enfoque histórico-geográfico, de tres pequeñas ciudades de la Región Intermedia de Santa Cruz do Sul y Lajeado: Sobradinho, Rio Pardo y Encantado. Utilizando datos del Censo Demográfico del IBGE de 2010 y 2022, imágenes de satélite Landsat y referencias bibliográficas. Se examinan las especificidades históricas, geográficas y socioeconómicas de los municipios y sus contextos regionales. Se observa un patrón de segregación centro-periferia, donde las áreas centrales concentran mayor densidad poblacional y mejores condiciones económicas, mientras que las periféricas cuentan con menos recursos. La ciudad de Sobradinho destaca por su configuración compacta, Rio Pardo por su crecimiento en expansión y economía agrícola, y Encantado por su expansión urbana más pronunciada, crecimiento fragmentado y economía diversificada.

Palabras clave: Urbanización. Forma Urbana. Ciudades Pequeñas. Desarrollo Regional. Región intermedia de Santa Cruz do Sul y Lajeado-RS.

1 Introdução

Uma das dimensões do planejamento e desenvolvimento regional se refere ao entendimento de como se apresentam dos processos de urbanização, de uso do

solo e de transformação na paisagem urbana ao longo do tempo, decorrente das dinâmicas econômicas e das políticas públicas de desenvolvimento e de ordenamento territorial existente no território regional, e seus reflexos em relação à qualidade de vida e ao desenvolvimento socioespacial sustentável.

Esses processos também resultam das articulações existentes entre a cidade e os espaços rurais do seu entorno e das interações que a cidade estabelece com as demais cidades no contexto regional em que se localiza.

Entende-se que a morfologia urbana como campo de estudo sobre como as cidades são construídas e transformadas em um determinado período, e em contextos espaciais e regionais pode aportar importantes contribuições para a análise dos fenômenos da urbanização e do desenvolvimento urbano e regional, bem como para aperfeiçoamento das políticas públicas de planejamento urbano e territorial.

As cidades pequenas configuram uma expressiva face da urbanização brasileira, uma vez que se constituem em maioria no território brasileiro. Todavia, ainda não são comuns os estudos sobre como se apresenta a morfologia urbana das pequenas cidades (Endlich, 2011). Em relação à sua forma urbana, elas geralmente apresentam uma ocupação linear não-planejada, que se dá ao longo de uma extensa avenida, muitas vezes sobre a própria rodovia de acesso (Endlich, 2009).

Por outro lado, cidades pequenas planejadas adotam um modelo mais espraiado, com ruas e praças em porções desmesuradas, que segundo Milton Santos (2013) representam a causa e o efeito da especulação. Em comum, nas cidades planejadas e não planejadas, nota-se a proximidade entre os aspectos urbanos, rurais e naturais na composição da paisagem (Lamas, 1993).

Objetiva-se analisar comparativamente a morfologia urbana das cidades pequenas da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado, no Rio Grande do Sul, considerando as especificidades históricas e geográficas de cada município. Assim, pretende-se contribuir com os estudos sobre morfologia urbana, a partir da compreensão das singularidades e particularidades das formas urbanas das cidades pequenas. Para tal, foram selecionadas três cidades que integram diferentes zonas geográficas da região: Rio Pardo, Sobradinho e Encantado.

Metodologicamente, parte-se de pesquisa bibliográfica sobre os referenciais teóricos que embasam os estudos de morfologia urbana (Capel, 2002; Endlich, 2011) e de estudos anteriores sobre as cidades analisadas, como os de Silveira et al. (2023) e Silveira, Faccin e Detoni (2023; 2024). Para análise comparativa da morfologia urbana, utiliza-se dados dos Censos Demográficos de 1991, 2000, 2010 e 2022 e imagens de satélite do Landsat a fim de observar a forma e a evolução urbana das cidades. Soma-se ainda os resultados da pesquisa de campo quando foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com atores locais e regionais, em março de 2024.

O presente artigo apresenta alguns dos resultados parciais obtidos no contexto da pesquisa intitulada: “Cidades Pequenas, Dinâmicas Socioespaciais e Desenvolvimento Regional no Brasil, realizada pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Pequenas – Mikripoli, com apoio do CNPq . O Grupo de Pesquisa e Estudos Urbanos e Regionais (GEPEUR) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

participa do referido projeto analisando as cidades pequenas da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul-Lajeado.

O artigo está constituído por essa introdução e por mais três seções. Na primeira seção apresenta-se o referencial teórico e conceitual que fundamenta e orienta o trabalho abordando a morfologia urbana e a importância das cidades pequenas para o desenvolvimento regional. Na segunda seção, apresenta-se de modo sintético a caracterização histórica e territorial da região de estudo e das cidades pequenas selecionadas. Por fim, na terceira seção, analisa-se as principais características, particularidades e semelhanças da morfologia urbana das cidades pequenas analisadas, em seu contexto regional.

2 Morfologia Urbana, Desenvolvimento Regional E Importância Das Cidades Pequenas

Morfologia é a ciência que estuda as formas de acordo com os processos que as originaram, sendo o estudo da morfologia urbana a compreensão dos elementos que compõem o meio urbano, assim como a articulação destes entre si com o conjunto que definem. Nesse sentido, Lamas (1993) apresenta instrumentos de leitura que permitem organizar e estruturar os elementos que conformam o meio urbano, como por exemplo o traçado da rua, a parcela fundiária, o edifício, a praça e as demais estruturas verdes, entre outros. Soma-se o estudo da produção e transformação desses elementos no tempo, de modo convergente com a urbanização, movida pelas questões sociais e econômicas em determinado período da história e espaço geográfico.

Para Capel (2002) a morfologia urbana, enquanto uma das expressões do espaço construído, reflete uma dada organização econômica, social, cultural, assim como uma dada estrutura política e os interesses e objetivos dos grupos sociais, notadamente dos grupos dominantes. Para essa concepção, a forma e configuração espacial da cidade constitui uma da paisagem urbana que pode ser lida, nos permitindo identificar e compreender seu conteúdo socioespacial, sua formação e evolução histórica, suas continuidades e descontinuidades. A leitura da configuração espacial do plano urbano, da tipologia das construções, e do conteúdo dos usos do solo, refletem as etapas de crescimento e desenvolvimento da cidade e da sua evolução no tempo.

Para Moudon (1997) apud (Scheer, 2022, p. 3) “o desafio da morfologia urbana é demonstrar os modos comuns pelos quais as cidades são construídas e transformadas e ilustrar como os princípios de mudança agem em muitos contextos diferentes”.

Conforme descrito por Oliveira (2020), a morfologia urbana é uma ciência multidisciplinar que reúne contribuições da arquitetura, geografia, história e planejamento urbano. A abordagem histórico-geográfica permite analisar não apenas a estrutura física das cidades, mas também os processos e atores que moldam essa estrutura ao longo do tempo. Essa abordagem destaca-se por sua ênfase na compreensão da evolução histórica e geográfica das cidades, permitindo identificar como diferentes períodos e eventos influenciam a configuração urbana atual.

O estudo da morfologia urbana se faz importante para a compreensão de como se apresentam os processos de expansão e de mudança socioespacial das

áreas urbanas no contexto geral da urbanização brasileira, e, especialmente em relação às particularidades que assumem na escala das diferentes regiões e formações socioespaciais brasileiras, bem como em relação às singularidades que revelam no modo como a evolução e a transformações da forma e paisagem urbanas se apresentam em cada cidade.

As diversidades ambientais, socioculturais, econômicas e históricas existentes nas regiões brasileiras e em seus espaços sub-regionais influenciam o desenvolvimento da morfologia urbana, impactando na pluralidade de cidades e paisagens existentes no território brasileiro (Monteiro et al, 2020).

Desde o terceiro terço do século XX a urbanização brasileira se amplia, atenuando certa macrocefalia como registra Milton Santos (2013), uma vez que é observado um modelo generalizado de urbanização entre as cidades milionárias, cidades médias e as cidades locais ou pequenas.

Diferentemente de outros países latino americanos como a Argentina, o Uruguai e o Chile, onde há uma macrocefalia urbana consolidada, em que as metrópoles nacionais e as regiões metropolitanas principais desses países concentram mais de 70% da população urbana nacional, no Brasil há, no presente, um relativo equilíbrio entre a distribuição da população urbana entre as cidades grandes e metrópoles que respondem por %, as cidades médias com % e as cidades pequenas com % da população nacional (IBGE, 2010 e 2022).

No último Censo Demográfico do Brasil, em 2022, os municípios e respectivas cidades pequenas, com até 50 mil habitantes, compuseram um conjunto majoritário de 4.914 cidades, representando 88,22% do total dos municípios e cidades brasileiras. Neles, viviam 63,9 milhões de pessoas, cerca de 32 % do total da população brasileira (IBGE, 2022).

Entende-se a noção de cidade pequena como sendo um núcleo urbano dotado da função de sede municipal. Muitas vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa. A condição de sede municipal implica exercer certo poder de gestão de um dado território, o município, para o qual a presença de instituições e serviços públicos, além do acesso a tributos estaduais e federais tornam-se essenciais (Corrêa, 2011).

Além disso, a pequena cidade pode ser também definida em relação ao grau de centralidade, como um centro local que exerce certa centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia, onde vive uma população dispersa dedicada sobretudo às atividades rurais.

Concordamos com Endlich (2017) de que a expressão “cidades pequenas”, embora não faça referência apenas ao porte das cidades, geralmente apresenta a análise demográfica como ponto de partida para definição de seu escopo. Embora não se tenha um certo consenso sobre qual parâmetro demográfico deve-se utilizar como balizador, entende-se que este deva ser estabelecido de acordo com a região e com o conjunto de cidades que compõem as redes urbanas em questão.

Nesse sentido, e considerando a diversidade da urbanização e da estrutura urbana brasileira, e alinhados com as discussões e estudos realizados pela Mikripoli, assumimos “o usual recorte das localidades (municípios) com população total (urbana e rural) inferior a 50.000 habitantes (Silveira, Faccin, Detoni, 2024, p.175).

A despeito de muitas das cidades pequenas brasileiras não apresentarem expressivo crescimento populacional, elas integram um importante conjunto de estruturas reconhecidas pela população, pois estão presentes nas diversas áreas do país, em número bastante superior às médias e grandes cidades, e é nesses pequenos centros que parte considerável da população urbana e rural efetivamente é atendida em suas demandas de serviços, mercadorias e informações.

As cidades pequenas desempenham importante papel na base da estrutura urbana brasileira, como centros locais e de zona, atraindo e polarizando fluxos relativos à reprodução da vida e da economia local, e servindo de apoio para a difusão no território brasileiro das políticas públicas e serviços e bens coletivos.

Por conta dessa expressiva representatividade que as cidades pequenas apresentam na estrutura urbana brasileira, pela sua ativa vida de relação com as zonas rurais e pela sua localização em ambientes naturais ainda não tão degradados, em diversas regiões do País, pode-se destacar a importância que as cidades pequenas desempenham para o desenvolvimento regional e para coesão territorial do território brasileiro.

Todavia é preciso sublinhar que nesse conjunto de cidades pequenas existe ampla diversidade quanto ao tamanho demográfico, à estrutura econômica, às características ambientais, sociais e culturais, à sua urbanização e à intensidade das transformações da sua forma urbana. Nesse sentido, são espaços urbanos diversos e distintos com dinâmicas de urbanização próprias, particulares e que devem ser estudados para que possam ser compreendidos na multiplicidade de condições, características e especificidades que assumem no território regional (Silveira, Faccin e Detoni, 2024).

Diante desse contexto, busca-se contribuir com os estudos sobre as particularidades e singularidades da urbanização e das transformações da forma urbana em cidades pequenas selecionadas dentre as existentes na Região Intermediária (Regint) de Santa Cruz do Sul-Lajeado, a fim de dar visibilidade a uma parcela do processo da forma e do conteúdo de um outro espaço urbano, não metropolitano.

3 Caracterização Da Região Intermediária (Regint) De Santa Cruz Do Sul-Lajeado E Das Cidades Pequenas Selecionadas

A Região Intermediária (Regint) de Santa Cruz do Sul-Lajeado, localizada na área centro oriental do Rio Grande do Sul, e definida pelo IBGE em 2017, é constituída por um conjunto de 58 municípios e de suas respectivas cidades, que além de sedes administrativas apresentam distintos processos de urbanização e de evolução urbana. De modo geral, pode-se identificar no espaço geográfico dessa Regint, três subregiões geográficas distintas em relação aos aspectos territoriais, históricos culturais e atividades econômicas.

A primeira subregião, refere-se à parte centro norte caracterizada por municípios com uma estrutura fundiária formada por pequenas propriedades rurais, vinculadas à agricultura familiar, pela produção de tabaco e milho e pelas indústrias multinacionais do setor do tabaco e, em menor parte, por empresas locais do setor alimentício e metalmeccânico. O espaço geográfico nessa subregião foi inicialmente colonizado por imigrantes alemães e italianos, e atualmente se apresenta bem

fragmentado territorialmente, resultante do intenso processo de emancipações municipais ocorridas notadamente entre o final dos anos oitenta e meados dos anos noventa do século passado.

A segunda subregião, refere-se à parte sul, notadamente pelos municípios de Rio Pardo, Pantano Grande, Encruzilhada do Sul e Taquari, colonizada por imigrantes luso brasileiros e que conta com a presença de médias e grandes propriedades rurais, centros urbanos mais esparsos, baixa densidade populacional, e que tem se especializado nas produções de arroz e soja, na criação de gado bovino e na silvicultura, contando com pouca presença de indústrias.

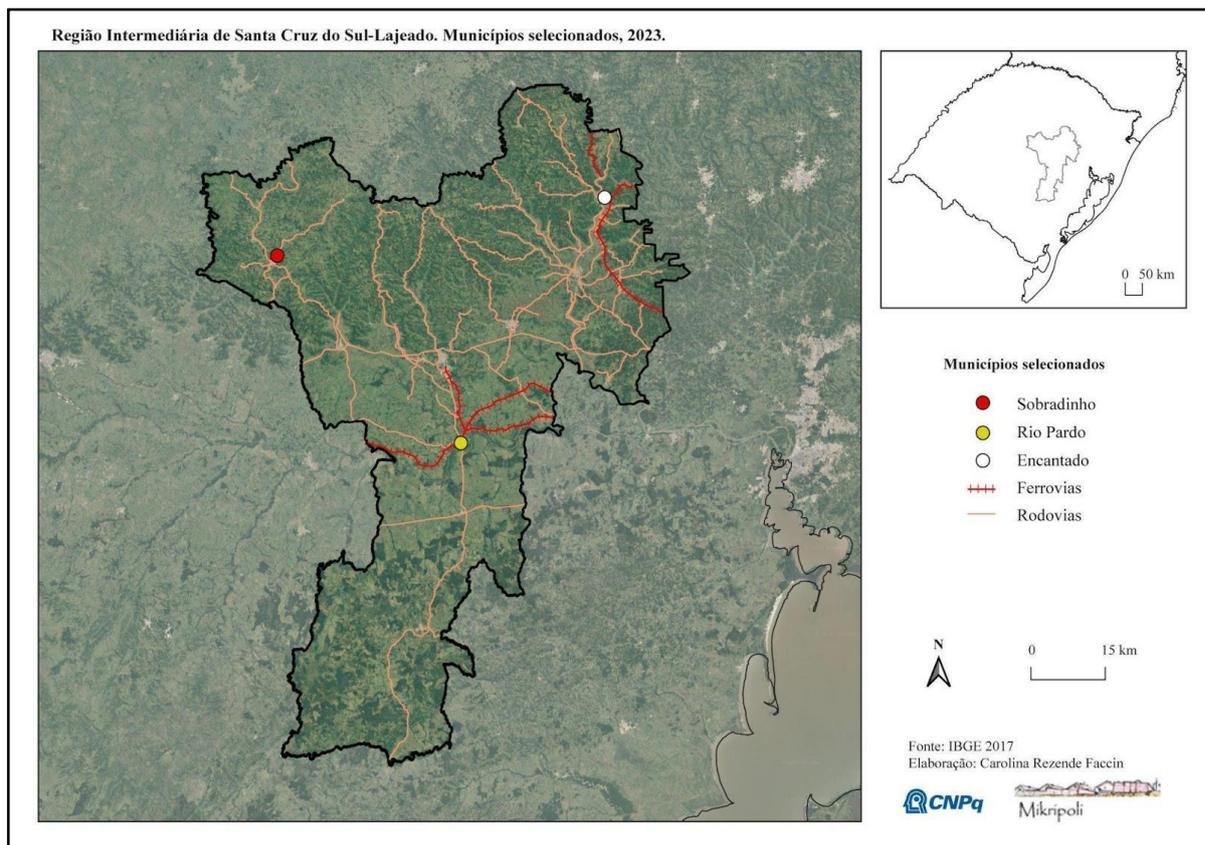
A terceira subregião refere-se à área centro nordeste da região, colonizada por alemães e italianos, e com a presença majoritária de pequenas propriedades rurais, vinculadas à agricultura familiar, cuja produção principal é constituída pela criação de frangos, suínos e produção de leite, cuja indústria está voltada para a produção de carne de frango e de suínos, laticínios e, em menor parte, para a fabricação de curtume e calçados. Essa subregião igualmente apresenta um espaço geográfico bastante fragmentado pelas inúmeras emancipações municipais que ocorreram no mesmo período que o já referido anteriormente, em relação à primeira subregião.

Considerando essa organização regional da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado, e valorizando as particularidades regionais e singularidades da constituição e evolução do espaço urbano das cidades pequenas existentes em cada uma das subregiões descritas, foram selecionadas três cidades pequenas para esta análise.

Os critérios que fundamentaram nossa escolha foram: (i) cidades que embora pequenas (demograficamente entre 5 e 50 mil habitantes) tenham destaque quanto à centralidade urbana na região e na rede urbana regional; (ii) cidades com dinâmicas demográficas relevantes ou que requerem atenção em relação à taxa de crescimento da população total; (iii) cidades com relevância econômica e/ou especialização produtiva; e/ou atividades turísticas no contexto das suas regiões imediatas; (iv) cidades com relevância histórica/cultural em termos patrimoniais e com destacado papel no processo da formação socioespacial regional.

A figura 1 apresenta a localização dessas três cidades pequenas na Região de Santa Cruz do Sul-Lajeado. A saber: as cidades de Sobradinho (primeira subregião), Rio Pardo (segunda subregião) e Encantado (terceira subregião).

Figura 1 - Cidades pequenas selecionadas



Fonte: Elaborado por Carolina Rezende Faccin.

3.1 A cidade de Sobradinho

A cidade de Sobradinho localiza-se na subregião Centro Norte também chamada de Centro Serra. Possui uma população total de 14.209 habitantes (IBGE, 2022), sendo 79,4% da população vivendo em área urbana (IBGE, 2010). De acordo com a nova regionalização do IBGE (2017) a cidade de Sobradinho também integra a Região Imediata de Sobradinho, onde a cidade exerce a principal centralidade urbana e regional.

Em 1898 as áreas hoje ocupadas pelo município de Sobradinho foram vendidas a imigrantes italianos e alemães. Em torno de 1924-1925, inicia-se a abertura das primeiras ruas que deram origem ao primeiro núcleo de povoamento urbano, que em 1927 é elevado à categoria de cidade, em razão de sua emancipação do município de Soledade, com a denominação de Jacuhy (em referência ao rio cujas margens banhavam o território), vindo a se denominar Sobradinho somente uma década depois, em 1937. Sobradinho teve seu território municipal reduzido após as emancipações dos distritos de Arroio do Tigre, em 1965; Ibarama, Segredo e Passa Sete, em 1992; e Lagoa Bonita do Sul, em 2001. Atualmente, Sobradinho tem 119 km² de território; destes, 23,5 km² são de área urbana e 95 km², área rural. No entanto, antes de seus distritos se emanciparem, o município de Sobradinho possuía uma área territorial de 1.545 km² (Estado do Rio Grande do Sul, 2018; Trindade, 2021).

Silveira, Faccin e Detoni (2024) elaboram uma tipologia das cidades pequenas da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado, onde identificam Sobradinho como integrando o tipo “cidades pequenas centrais”, tendo em vista sua a

centralidade na rede urbana regional, classificada como Centro Local A pela REGIC - 2018 (IBGE, 2020).

A cidade sedia algumas instituições públicas estaduais, na área de saúde, segurança e educação, além de apresentar um conjunto diversificado de empresas do setor de comércio e serviços, que buscam atender também as cidades pequenas do entorno, sendo este o seu principal papel na rede urbana. Desse modo, também está vinculada com as cidades pequenas vizinhas por meio de deslocamentos pendulares para trabalho, sendo destino dos fluxos de 0,9% da população ocupada de Passa Sete e 0,80% de Segredo, bem como sendo origem de fluxos com direção à Arroio do Tigre e Passa Sete (1,2% da sua população ocupada) (IBGE, 2010).

Sua estrutura econômica não é muito expressiva em termos industriais (apenas se destaca a produção de calçados de couro e de material sintético, com 11,5% dos empregos da cidade), se configurando mais como um centro de comércio e de serviços cuja centralidade e influência alcança os municípios da sua região imediata. Sua economia também é ditada pela dinâmica agrícola regional, ou seja, pela produção de tabaco, apresentando atividades de processamento de tabaco em folha, de produção de tabaco em palha e de produção mais artesanal de cigarro (RAIS, 2022).

Em 2022, o executivo municipal, influenciado pela construção do Cristo Protetor em Encantado, iniciou a construção da estátua do Cristo Acolhedor que com seus 24 metros de altura, localiza-se na parte alta do município, próximo a entrada da cidade, junto à RS-400. A obra, em fase final de construção, representa a intenção municipal em desenvolver o turismo diversificando sua economia.

3.2 A cidade de Rio Pardo

A cidade de Rio Pardo está localizada na subregião Sul além de integrar a Região Imediata Santa Cruz (IBGE, 2017) situada na porção central do Rio Grande do Sul. Com área urbana às margens do Rio Jacuí e do Rio Pardo, a cidade possui população total de 34.447 habitantes (IBGE, 2022), com 68% deles residindo em área urbana (IBGE, 2010). A área territorial municipal é ampla (2.051,112 km²) e marcada por uma estrutura fundiária de médias e grandes propriedades rurais.

Rio Pardo foi elevada à categoria de cidade em 1826. Anteriormente, em 1809, integrava a primeira divisão administrativa do governo português como uma das quatro primeiras vilas do Estado do Rio Grande do Sul. Durante boa parte do século XIX e primeiras décadas do século XX a cidade de Rio Pardo desempenhou importante papel no processo de ocupação e povoamento da região, bem como na formação da rede urbana regional e estadual, exercendo centralidade no território regional (Schneider, 2005). Apesar de perder centralidade na rede urbana nas últimas décadas (Silveira, Faccin, Detoni, 2023), a cidade de Rio Pardo se sobressai na Região Imediata de Santa Cruz do Sul pela sua importância histórica e cultural, ainda que seus equipamentos culturais e patrimônio histórico, não estejam adequadamente conservados e preservados.

Silveira, Faccin e Detoni (2024) classificam Rio Pardo na tipologia de “cidades pequenas integrantes de aglomerados urbanos polarizados pelas cidades médias - cidades pequenas que são cidades dormitório ou reservatórios de força de trabalho”.

Isso se justifica pela cidade ser origem de fluxos de deslocamentos pendulares para trabalho e estudo para a principal cidade média da região (16,5% da população economicamente ativa da cidade se desloca para Santa Cruz do Sul) (IBGE, 2010). Dessa forma, os autores identificam Rio Pardo como uma cidade pequena que integra o aglomerado urbano de Santa Cruz do Sul e possui limitado dinamismo econômico, cuja economia urbana é constituída basicamente por atividades de comércio e serviços não especializados, com limitada atividade industrial e insuficiente capacidade de geração de empregos para a população local.

A economia municipal está assentada principalmente na produção de lavouras de cereais em grãos principalmente soja, arroz e trigo (sendo que o cultivo de soja tem crescido nos últimos anos), e na criação de bovinos de leite e corte. As atividades industriais se vinculam ao ramo alimentício, notadamente fabricação de produtos de panificação e do arroz (RAIS, 2022).

3.3 A cidade de Encantado

A cidade de Encantado localiza-se na subregião centro nordeste além de também se situar na Região Imediata de Encantado (IBGE, 2017). É cercada por montes e montanhas da Serra Geral e está à margem direita do Rio Taquari. A população total do município é de 22.391 habitantes (IBGE, 2022), com 87% residindo na área urbana (IBGE, 2010).

A criação do município de Encantado data de 31 de março de 1915, quando se emancipou de Lajeado. O município de Encantado, também, cedeu terras para a formação dos municípios de Arroio do Meio (1934), Arvorezinha (1959), Anta Gorda (1963), Ilópolis (1963), Putinga (1963) e Relvado (1988), configurando a formação territorial atual (Estado do Rio Grande do Sul, 2018). No entanto, sabe-se que os primeiros habitantes foram os povos originários pertencentes ao povo Tupi-Guarani. Já, a partir de 1882, iniciou-se o processo de colonização pelos imigrantes italianos provenientes da região de Vêneto (Ferri; Togni, 2012).

Silveira, Faccin e Detoni (2024) classificam Encantado na mesma tipologia de Sobradinho, ou seja, como “cidades pequenas centrais”. Isso é justificado, em primeiro lugar, pela importante centralidade da cidade na rede urbana regional, classificada pelo IBGE, na REGIC - 2018, como Centro Subregional B (IBGE, 2020). Em segundo lugar, porque a cidade possui uma economia diversificada, estruturada nos setores de comércio e serviços, bem como na atividade industrial ligada à agroindustrialização da produção rural.

A produção industrial é principalmente centrada nos produtos da carne de suínos, haja vista a presença da planta industrial de abate de suínos da cooperativa regional Dália Alimentos, que está localizada no centro da cidade. Também se destacam os setores industriais de óleos vegetais, produtos derivados do cacau, cosméticos e sorvetes (RAIS, 2022). Essas condições também geram uma atração de deslocamentos pendulares para trabalho que se originam de cidades pequenas vizinhas, como é o caso dos fluxos de 4% da população ocupada de Muçum e de Roca Sales, e de 3,1% de Capitão, conforme dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010).

Em relação às transformações recentes, destaca-se a construção da estátua do Cristo Protetor de Encantado (cuja construção foi de julho de 2019 a abril de 2022),

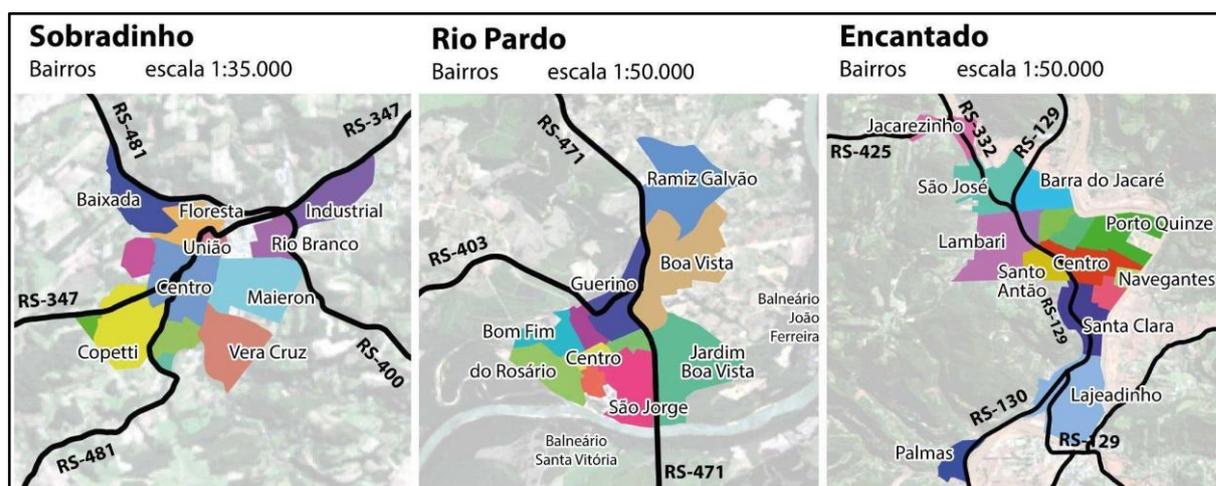
projetado para ser o maior Cristo do Brasil. Há uma expectativa de crescimento econômico e geração de novos empregos proveniente do desenvolvimento do setor de turismo, notadamente do turismo religioso, resultado da construção da estátua.

Pederiva (2023), ao analisar as modificações no município entre 2003 e 2022, indica que a implantação da estátua já provocou diversas mudanças no entorno da área onde está localizada. Houve alterações no zoneamento e nos usos do solo, um aumento da ocupação urbana ao longo das estradas de acesso ao monumento, bem como substituição de áreas vegetadas por áreas agrícolas, que na realidade são solo exposto, para ampliar a estrada de acesso e construir equipamentos turísticos nas proximidades.

4 Morfologia Urbana Das Cidades Seleccionadas

As cidades pequenas da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado tiveram diferentes origens de ocupação das suas áreas urbanas. A seguir, indica-se a evolução urbana de cada uma delas com base na literatura. A Figura 2 apresenta os bairros e as rodovias de acesso aos centros urbanos.

Figura 2 - Delimitação dos bairros e rodovias de acesso das cidades pequenas



Elaborado pelos autores, a partir de IBGE (2010).

Com relação à Sobradinho, Trindade (2021) indica que o início da urbanização dessa cidade ocorreu longe do centro atual, sendo o bairro da “Baixada” o ponto de partida. Em 1927, a área onde o espaço urbano se encontra atualmente era apenas um terreno coberto de vegetação rasteira e alguns pinheiros. A área foi escolhida para a instalação da sede do novo município, em vez da Vila de Ibarama e da Vila Arroio do Tigre, que já tinham núcleos habitacionais e comerciais desenvolvidos na época. Essa escolha justifica-se porque a terra pertencia ao Estado, e os lotes governamentais eram mais baratos, atraindo assim mais pessoas. Em 1929, começou a construção da primeira sede da prefeitura, um prédio de dois andares inaugurado em 10 de janeiro de 1930, que atualmente abriga a Casa de Cultura Amário João Lázzari.

Atualmente, importantes vias de circulação cortam o município: a RS-347, que faz conexão com Soledade; a RS-400, que conecta ao Sul da região, à Candelária e à RSC-287, importante rodovia estadual; e a RS-481, que liga a cidade à Cruz Alta, na direção noroeste. A malha urbana da cidade apresenta crescimento urbano desordenado a partir do seu núcleo de formação e às margens da BR-481.

A partir da análise de Trindade (2021) sobre o espaço urbano de Sobradinho, pode-se destacar alguns bairros: o União, com a maior densidade populacional e moradores predominantemente de classe baixa; o Centro, com edificações mais antigas, pela alta densidade, e presença de muitos terrenos não edificados e imóveis vazios; o Pinhal, pela presença de residências populares; o Copetti, bairro com grande possibilidade de expansões, presença de área agrícola não edificada, e com crescimento lento possivelmente devido ao terreno íngreme que dificulta a construção de imóveis. Entre outros bairros citados, é recorrente a menção do autor em relação à baixa densidade construtiva e necessidade de mais infraestrutura urbana em bairros periféricos, bem como a possibilidade limitada de expansão territorial devido às rodovias circundantes ou pela dificuldade de construção em terrenos íngremes.

Sobre a evolução urbana de **Rio Pardo**, Schneider (2005) organiza-a em quatro períodos distintos. O primeiro período (1750-1809) marca a fundação do núcleo urbano com a construção da fortaleza Jesus Maria José, que levou à elevação de Rio Pardo de povoado à freguesia, impulsionado pelo desenvolvimento comercial e militar. No segundo período (1809-1865) Rio Pardo se torna uma vila, consolidando-se administrativamente e atraindo uma população diversificada, destacando-se pela produção de trigo e pecuária, com o porto e as fortificações militares mantendo sua importância estratégica para os governos provincial e federal. No terceiro período (1865-1945), a cidade enfrentou estagnação econômica devido a fatores políticos, sociais e econômicos, como desmembramentos frequentes, baixa arrecadação, perda de funções militares e crise agrícola. No quarto período (1945-2001), houve um rápido crescimento populacional e urbano, com a recuperação econômica impulsionada por políticas de revitalização agropecuária e a instalação de cooperativas. A cidade expandiu-se além dos limites originais, com a valorização do sistema rodoviário e a perda de vitalidade dos sistemas ferroviário e fluvial. No entanto, o rio voltou a ser percebido como importante aspecto locacional a partir da consolidação de diversos balneários.

Em relação ao período mais recente da urbanização de Rio Pardo, Schneider (2005) destaca, na década de 1980 e 1990, a expansão de loteamentos residenciais que ocorreu principalmente em direção ao norte, no bairro Ramiz Galvão, consolidando a Avenida dos Amarais como o principal eixo de ligação. A partir dos anos 1990, o desenvolvimento industrial e comercial se concentrou ao longo da BR-471 e da RS-403. O núcleo histórico urbano viu um processo contínuo de ocupação, com a área entre o bairro Bonfim e a BR-471 sendo significativamente desenvolvida durante este período.

Atualmente, permanecem na malha urbana de Rio Pardo os traçados irregulares com ruas estreitas e formas tortuosas, herança do processo de colonização português. Duas importantes rodovias cortam a área urbana: a RS-471 entre Rio Pardo e Santa Cruz do Sul, e a RS-403, via de escoamento de grãos, para o município vizinho de Cachoeira do Sul.

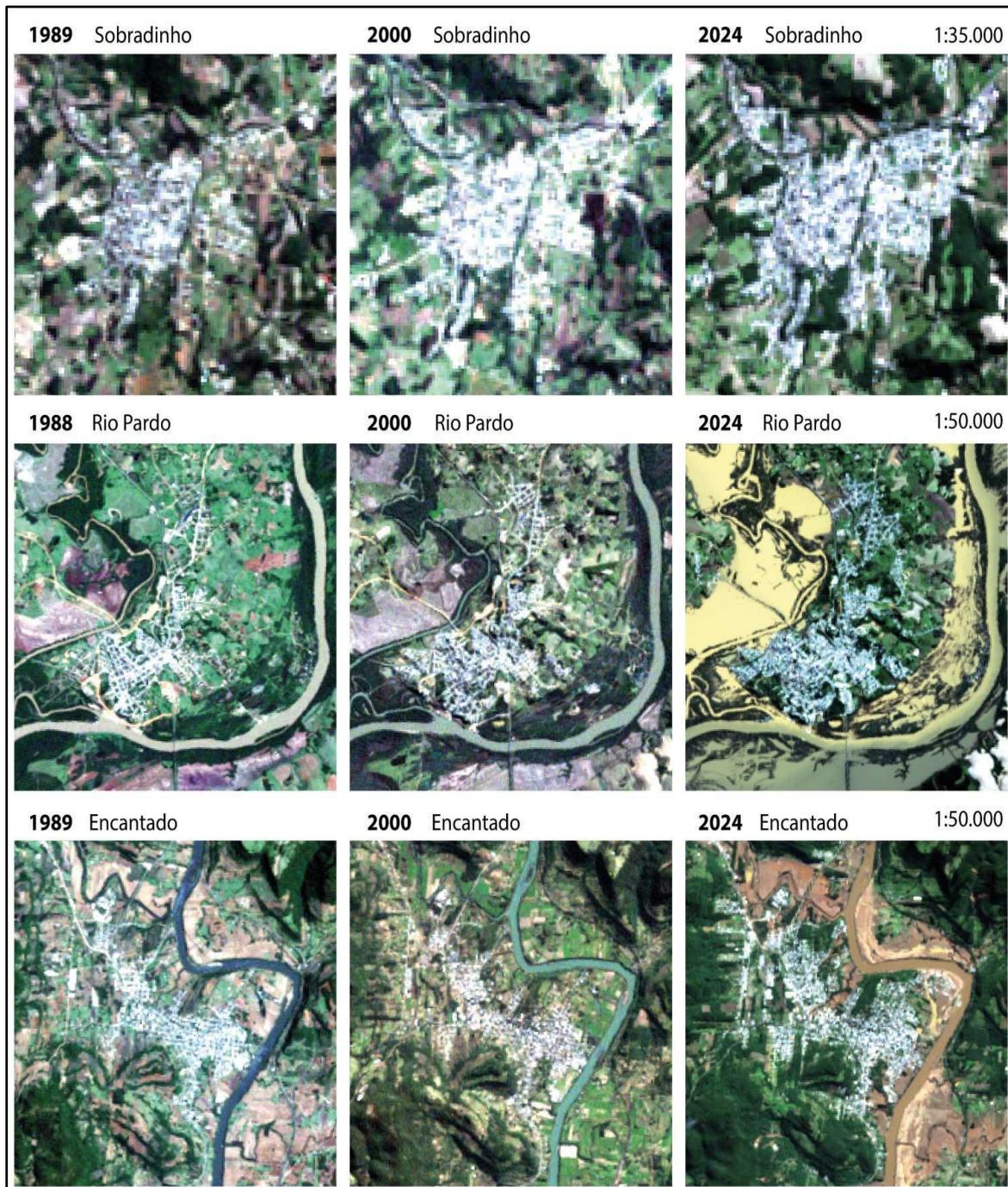
A formação da malha urbana de **Encantado** começou com a subdivisão do grande território em diversas áreas de terras, pertencentes a grandes proprietários, empresas colonizadoras e pessoas físicas, que vendiam essas terras a povoadores e colonizadores. Em 1878, Coronel José Francisco dos Santos Pinto mapeou suas terras para vendê-las a imigrantes, e a colonização oficial começou em 1882 com a chegada das primeiras famílias italianas (Encantado, 2024).

O povoado se desenvolveu em um território quase virgem, delimitado ao sul pela colônia alemã de Arroio do Meio, e ao norte e oeste por Soledade e Passo Fundo. Em 1887, foi construída a primeira igreja católica, impulsionando o crescimento da comunidade. Às vésperas da emancipação em 1915, Encantado possuía três ruas principais e uma população de 7.000 habitantes. A área inicial do município era de 1.306 quilômetros quadrados, e sua localização estratégica à margem do rio Taquari facilitou o escoamento de produtos, contribuindo para o desenvolvimento urbano (Encantado, 2024).

Atualmente, observa-se que a malha urbana de Encantado se desenvolveu no entorno da RS-129, importante via longitudinal do estado, bem como nas áreas de planície e de fácil acesso nas proximidades do Rio Taquari, que contrastam com o entorno de relevo acidentado.

Quanto à expansão urbana, observa-se que as cidades pequenas de Sobradinho e Rio Pardo tiveram uma expansão mais significativa nas bordas da malha urbana entre 1988/1989 e 2000, enquanto entre 2000 e 2024 essa expansão foi menos evidente. A cidade de Encantado, por sua vez, mostrou crescimento urbano nos dois períodos, caracterizado por um desenvolvimento fragmentado devido à construção de loteamentos em formato espinha de peixe. Essa conclusão é baseada na análise visual das imagens de satélite do *Landsat* para os anos de 1988/1989, 2000 e 2024 (Figura 3).

Figura 3 - Evolução das manchas urbanas das pequenas cidades



Elaborado pelos autores, a partir de *Landsat 5* (1988/1989), *Landsat 7* (2000) e *Landsat 8* (2024).

A partir das imagens de satélite, vale lembrar alguns aspectos do espaço urbano dessas cidades: tanto o espaço urbano de Encantado quanto o de Rio Pardo estão às margens de rios, em áreas planas. Condição geográfica que, somada aos eventos climáticos de chuvas intensas do período de 24 de abril ao mês de maio de 2024, repercutiu no maior nível de cheias dos rios, quebrando recordes históricos, e estão marcadas nas duas imagens de satélite mais recentes desses municípios. As pontes de conexão com outros municípios (Rio Pardo com Pantano Grande e Cachoeira do Sul, e Encantado com Roca Sales e Muçum) foram danificadas e comprometeram os deslocamentos da rede urbana. Na cidade de Sobradinho, cujo relevo possui maiores deformidades, caracterizado por terrenos mais acidentados, o

extravasamento do Arroio Carijinho que atravessa a cidade foi mais rápido e não chegou a ser registrado nas imagens de satélite. Contudo, sua intensidade chegou a danificar seis pontes, quatro delas ficaram completamente destruídas.

Nesse aspecto, ainda que a inundação tenha danificado de maneira mais expressiva as cidades de Rio Pardo e Encantado, com a destruição de vias e pontes importantes para a ligação destas cidades com a malha viária em nível regional, a destruição no perímetro intraurbano de Sobradinho, em função de sua topografia e morfologia urbana, não foi menos significativa, tendo em vista que o colapso de quatro pontes na área central da cidade isolou o centro dos bairros e as ligações com localidades do interior, bem como prejuízos consideráveis às construções e ao modo de vida e produção local.

A variável demográfica pode auxiliar a entender a expansão urbana dessas cidades nos últimos 30 anos. Para isso, inicialmente calculou-se o crescimento da população urbana desses municípios entre 1991-2000 e entre 2000-2010¹ (Quadro 1).

Quadro 1 - População Urbana, Tx. de crescimento população urbana, Tx. Urbanização e População Total das cidades de Sobradinho, Rio Pardo e Encantado

	População urbana (1991)	População urbana (2000)	População Urbana (2010)	Cresc. População Urbana (1991 a 2000)	Cresc. População Urbana (2000 a 2010)	Taxa de Urbanização (2010)	População Total (2022)
Sobradinho	9.645	11.670	11.347	21,00%	-2,77%	79,47%	14.226
Rio Pardo	23.565	26.041	25.614	10,51%	-1,64%	68,16%	34.654
Encantado	13.461	16.036	17.879	19,13%	11,49%	87,21%	22.962

Elaborado pelos autores.

Assim, verifica-se que no período entre 1991 e 2000 as três cidades apresentaram taxas de crescimento populacional positivas, acima de 10%. O expressivo crescimento da população urbana de Sobradinho (21%) ocorre justamente no contexto dos inúmeros processos de emancipações que ocorreram na subregião Centro Norte. Encantado, igualmente apresentou expressivo crescimento (19,13%) traduzindo a forte atratividade que o seu dinamismo econômico e centralidade já exercia nesse período na subregião Centro Nordeste.

Já no período entre 2000 e 2010, enquanto as cidades de Rio Pardo e Sobradinho apresentam taxas de crescimento negativas, revelando um menor dinamismo econômico e menor capacidade de retenção e atração de novos moradores urbanos, a cidade de Encantado, mantém taxa positiva de crescimento populacional (11,49%), resultado da consolidação da sua condição de centro regional

¹ O cálculo do crescimento da população urbana entre 2010 e 2022 não foi possível de ser realizado, uma vez que o IBGE até o presente momento, ainda não divulgou os dados mais atualizados do Censo Demográfico de 2022 para a população residente em domicílios rurais e urbanos dos municípios brasileiros.

cuja centralidade e maior dinamismo econômico manteve a atração de novos moradores.

Ao considerarmos as taxas de urbanização dos três municípios em 2010 e relacionarmos com os dados da população total desses municípios em 2022, pode-se projetar resultados similares em relação à taxa de crescimento da população das suas cidades no período entre 2010 e 2022. Essas diferentes dinâmicas demográficas explicam a menor expansão urbana de Rio Pardo e Sobradinho, e maior expansão de Encantado, nas últimas décadas (Quadro 1).

A análise da distribuição espacial de variáveis demográficas e sociais complementares nas cidades de Sobradinho, Rio Pardo e Encantado, em 2010, revela padrões quanto à densidade populacional, média de moradores por domicílio e renda média mensal do responsável pelas famílias (IBGE, 2010). Esses padrões destacam uma nítida divisão socioeconômica e espacial entre as áreas centrais e periféricas dessas cidades (Figura 4).

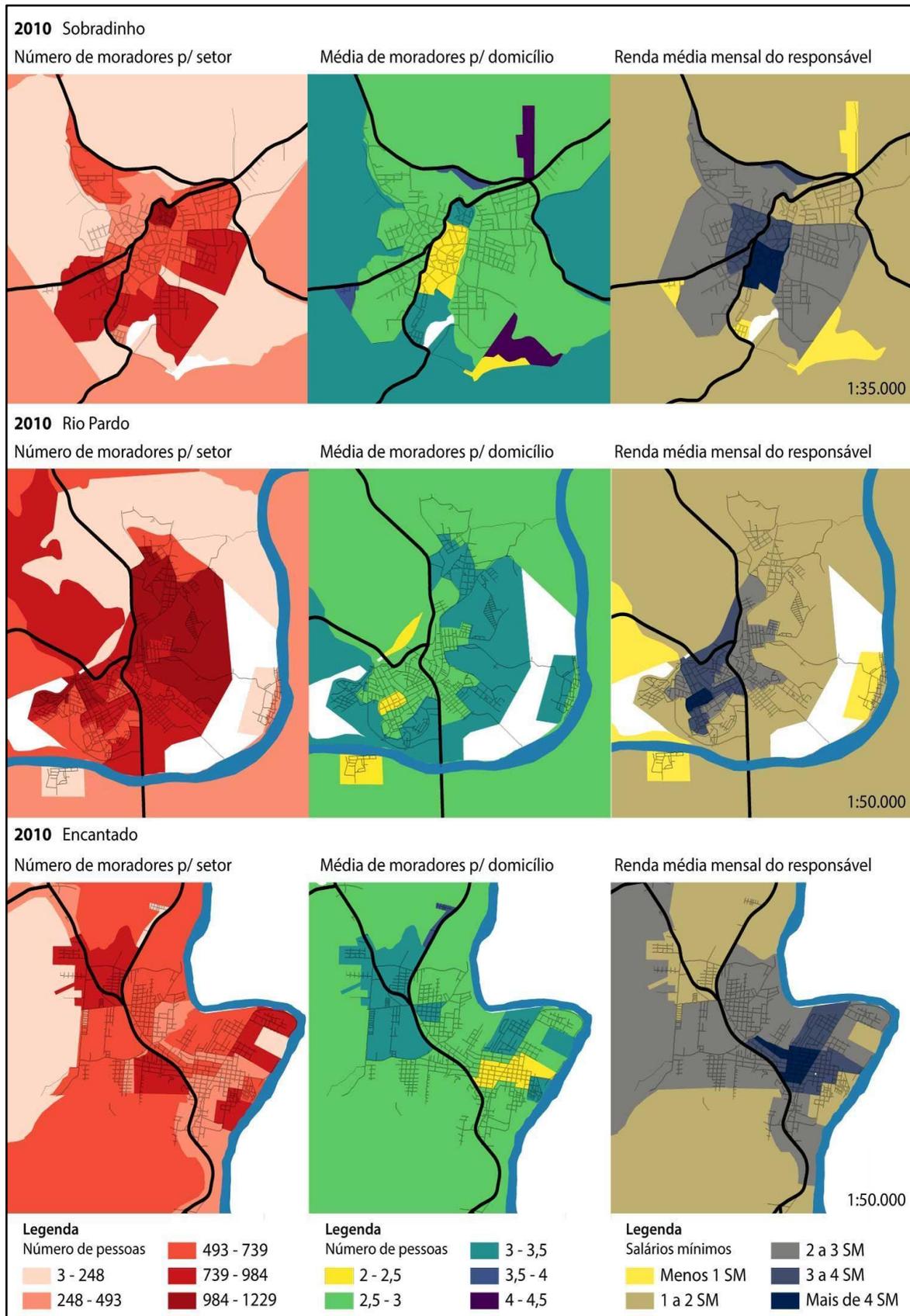
Em Sobradinho, observa-se que as áreas periféricas, como os bairros Copetti, Vera Cruz, Mairon e União, possuem um maior número de habitantes. A média de moradores por domicílio mostra que há, no bairro Centro, domicílios com um menor número de habitantes (aprox. 2), enquanto bairros periféricos possuem residências com maior número (aprox. 4 hab.). No que se refere à renda, as regiões centrais e próximas ao centro apresentam rendas mais altas, entre 2 e 4 salários-mínimos, enquanto as áreas periféricas possuem rendas significativamente menores, muitas vezes inferiores a um salário-mínimo.

A cidade de Rio Pardo apresenta áreas mais populosas na periferia da malha urbana, uma maior média de moradores por domicílio na sua periferia urbana, em comparação ao bairro Centro, e uma renda média maior no Centro, em comparação aos bairros periféricos. Vale destacar, em Rio Pardo, a presença de dois balneários, às margens do Rio Jacuí: O Balneário Santa Vitória e o Balneário Porto Ferreira, que possuem um menor número de moradores permanentes, uma vez que algumas das casas são de veranistas.

Encantado também apresenta o mesmo modelo centro-periferia, uma vez que o bairro centro possui um menor número de moradores, uma menor média de moradores por domicílio e maior renda média (chegando a mais de 4 salários-mínimos). No entanto, observa-se uma maior fragmentação das bordas urbanas, pela presença de loteamentos residenciais desconectados uns dos outros, que possuem alto número de residentes, como é o caso dos bairros mais recentes de São José, Santo Antônio, Navegantes e Porto Quinze.

Além disso, é preciso relativizar as distâncias para avaliar as variáveis socioeconômicas. O centro urbano de Sobradinho é compacto e possui aproximadamente 3km de distância de uma borda à outra, de modo que um morador que vive nos limites da malha urbana, está distante do bairro Centro por aproximadamente 20 minutos de caminhada. Rio Pardo, por sua vez, possui aproximadamente 6km de distância entre Ramiz Galvão, ao norte da malha urbana, e o bairro São Jorge, ao sul, de modo que os moradores de Ramiz Galvão precisam caminhar mais de 1h para chegar ao bairro Centro. Encantado também possui um maior espraiamento da malha urbana, chegando a ter loteamento residenciais que distam 4,6 km (mais de 1h de caminhada) do bairro Centro.

Figura 4 - Dados socioeconômicos por setor censitário – 2010



Elaborado pelos autores, a partir de IBGE (2010).

Em síntese, Sobradinho destaca-se como uma cidade mais compacta em comparação às cidades de Rio Pardo e Encantado. As três cidades exibem um modelo centro-periferia de segregação socioespacial. As áreas centrais e próximas às principais vias apresentam maior densidade populacional, maior média de moradores por domicílio e rendas mais altas. Em contrapartida, as áreas periféricas, menos acessíveis, tendem a ter menor densidade populacional, menor média de moradores por domicílio e rendas mais baixas. Esse padrão evidencia uma concentração de melhores condições econômicas e habitacionais nas áreas mais centrais e acessíveis, refletindo uma desigualdade na distribuição de recursos e oportunidades.

Por último, outro aspecto que chama a atenção diz respeito às estratégias do poder público e privado na promoção e *marketing* dos municípios no que diz respeito à exploração de novas atrações turísticas e fomento às “invenções de lugar” tipificadas por Harvey (2014), que servem tanto ao incremento do setor de serviços quanto às práticas de reestruturação espacial alavancadas pelos mecanismos de especulação imobiliária. É o caso, por exemplo, da construção das estátuas de Cristo nas cidades de Encantado e Sobradinho (“Cristo Protetor” e “Cristo Acolhedor, respectivamente) como maneira de fomentar o turismo nas localidades. A cidade de Encantado foi pioneira na utilização deste expediente, no que foi seguida pela cidade de Sobradinho.

Algumas particularidades são informativas e denotam estratégias e consequências semelhantes de reprodução espacial: (i) em ambos os casos, o artista escolhido para a concepção e construção das estruturas é o mesmo; (ii) a estratégia da localização das estátuas em topos de morro é similar nas duas cidades, sendo que em Encantado, o escopo do projeto milionário foi ampliado e triplicado desde a proposta inicial em um movimento que uniu diretamente a iniciativa privada, poder público e a comunidade local; (iii) a questão da propriedade da terra é relevante nos dois casos e merece ser investigada mais a fundo, tendo em vista que os empreendimentos se localizam em terrenos de propriedades possivelmente ligadas às oligarquias políticas e familiares locais e mobilizam investimentos públicos vultosos para sua execução e; (iv) de maneira análoga, tanto em Encantado quanto em Sobradinho, a instalação das estruturas contribuiu para a reestruturação áreas urbanas adjacentes e para o incremento da especulação imobiliária com obtenção de lucros para agentes específicos.

É sintomático que, em ambos os casos, tenham sido construídos condomínios fechados de alto padrão em glebas imediatamente adjacentes à localização das estátuas. Além disso, no caso de Encantado, a apropriação da imagem do Cristo extrapola as iniciativas turísticas e é adotada praticamente como novo símbolo da cidade, estando presente em diversos materiais publicitários e produtos de mercado como também de forma muito marcante na identificação de equipamentos públicos, prédios administrativos e na customização de veículos e estruturas da municipalidade.

5 Considerações finais

Através do estudo comparativo por meio das especificidades históricas, geográficas e socioeconômicas da urbanização das pequenas cidades de Rio Pardo, Sobradinho e Encantado, procurou-se compreender as singularidades das dinâmicas

socioespaciais e das suas formas urbanas em suas relações com as particularidades das características próprias às distintas subregiões geográficas onde essas cidades se localizam, no território da Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado.

A análise indica que, apesar das variações nas dinâmicas de crescimento populacional e econômico, há um padrão comum de segregação socioespacial centro-periferia na forma da evolução urbana das três cidades. As áreas centrais tendem a concentrar maior densidade populacional, melhores condições econômicas e infraestrutura, enquanto as áreas periféricas, em geral, possuem menor densidade populacional e recursos econômicos mais limitados. Em termos de morfologia urbana, a configuração espacial das cidades também pode auxiliar na compreensão da localização dos usos do solo e distribuição das tipologias construtivas no território em um exercício que pode ser aprofundado em pesquisas futuras.

A cidade de Sobradinho destaca-se por sua configuração urbana compacta, o que facilita a integração socioespacial apesar das desigualdades observadas. Rio Pardo, com sua extensa área municipal e estrutura fundiária marcada por médias e grandes propriedades rurais, exibe um crescimento urbano mais espraiado e uma economia voltada para atividades agrícolas. Encantado, por sua vez, apresenta um crescimento urbano fragmentado e uma economia diversificada, com destaque para o setor agroindustrial de carne de suínos.

A análise da evolução urbana dessas cidades revelou que a expansão urbana foi mais acentuada nas bordas da malha urbana entre 1988 e 2000, com um ritmo mais lento nas décadas subsequentes. Em relação à variável demográfica, Encantado apresentou crescimento populacional significativo em contraste com a menor intensidade de crescimento da população em Rio Pardo e do decréscimo populacional em Sobradinho. A pesquisa também destacou a importância dos elementos naturais (como rios e relevo), na configuração dos sítios urbanos dessas cidades, bem como chamou a atenção para novas estratégias na promoção e marketing dos municípios, utilizando novas atrações turísticas religiosas.

Por fim, este estudo buscou contribuir através do estudo da morfologia urbana para alcançar novos subsídios à produção de conhecimento no campo do Desenvolvimento Regional, ao fornecer uma compreensão mais profunda das particularidades que o processo de urbanização apresenta na região em estudo, e das singularidades das formas urbanas nas cidades pequenas analisadas. Igualmente destaca-se nesse sentido a perspectiva interescalar adotada na análise envolvendo uma abordagem que buscou contemplar um olhar para o fenômeno da morfologia espacial desde a escala regional e da rede urbana regional até a escala da cidade e o nível dos bairros.

Em futuras pesquisas, a inclusão de dados mais atualizados do Censo Demográfico de 2022, bem como a análise da dinâmica do mercado imobiliário local poderá oferecer uma visão ainda mais precisa das transformações na paisagem urbana e nas dinâmicas socioespaciais nas cidades estudadas.

REFERÊNCIAS

- CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora; SILVEIRA, Giovane Silveira da. (Org.). Cidades pequenas no contexto brasileiro: perspectivas de estudo. Porto Alegre, RS: Totalbooks, 2023.
- CAPEL, Horácio. La Morfología de las Ciudades I. Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.
- CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. GEOUSP - Espaço e Tempo. São Paulo, N° 30, p. 05-12, 2011
- ENCANTADO. História do município. 2024. Disponível em: <https://encantado.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>. Acesso em 17 mai. 2024.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG). Departamento de Planejamento Governamental. Porto Alegre: SPGG, 2018.
- ENDLICH, Ângela. Na trilha conceitual e de definições das pequenas cidades. In: BOVO, M. C. COSTA, F. R. Estudos Urbanos. Campo Mourão: Editora Unespar, 2017, p. 33-53.
- ENDLICH, Ângela M. Território e Morfologia Urbana em Pequenas Cidades: O que revelam? Revista Geográfica de América Central, Heredia, Costa Rica. vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-14. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744820442>
- ENDLICH, Ângela M. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FERRI, Genuino Antônio; TOGNI, Ana Cecília. A história da bacia hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado: Univates, 2012. 375 p.
- HARVEY, David. Cidades Rebeldes. Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.
- IBGE. Censo Demográfico 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.
- IBGE. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- IBGE. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MONTEIRO, E. Z., PINA, S. A. M. G., FREIRE, R. A., & TURCZYN, D. T. (2020). O estudo da morfologia urbana na Região Metropolitana de Campinas. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 12, e20190260. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190260>
Acessado em agosto, 2024.

OLIVEIRA, Vítor. Diferentes abordagens em morfologia urbana. In: OLIVEIRA, Vítor (Org.). *Diferentes abordagens em morfologia urbana. Contributos luso-brasileiros*. 2 ed. Urban Forms Books: [s.l.], 2020

PEDERIVA, Kelly Janine. Análise espaço-temporal do uso e ocupação da terra do município de Encantado - RS. Trabalho de conclusão de curso (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre - RS, 2023.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS). Número de empregados por setor CNAE 2.0. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3F872fk>. Acesso em: 17 mai. 2024.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SCHEER, Brenda Case. A epistemologia da morfologia urbana. *Revista de Morfologia Urbana*. Número 10(1): e00240, 2022. Disponível em: <https://pnum.org/rmu/index.php/rmu/article/view/240/152> Acessado em agosto, 2024.

SCHNEIDER, Luiz Carlos. *Rio Pardo: Evolução Urbana e Patrimônio Arquitetônico-Urbanístico*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da.; FACCIN, Carolina Rezende; DETONI, Luana Pavan; MENEZES, Camila Melo. A Região Intermediária de Santa Cruz do Sul e Lajeado - RS e suas Cidades Pequenas. In: Silva, Paulo Fernando Jurado da et al. (ORG) *Cidades Pequenas no contexto brasileiro: Perspectivas de Estudo*. Porto Alegre: Ed. Total Books, 2023;

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da.; FACCIN, Carolina Rezende; DETONI, Luana Pavan. Cidades pequenas, dinâmicas territoriais e mudanças na rede urbana da Região dos Vales-Rio Grande do Sul-Brasil. *Revista Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 1, 2023.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da.; FACCIN, Carolina Rezende; DETONI, Luana Pavan. Pequenas cidades, rede urbana e desenvolvimento regional na Região Intermediária de Santa Cruz do Sul-Lajeado. In: Fernandes, Pedro Henrique

Carnevalli; Souza, Josimar dos Reis de; França, Iara Soares de; Endlich, Ângela Maria. (Org.). Reflexões geográficas sobre as pequenas cidades brasileiras. Maringá, PR: Perfil Editora, 2024. p. 173-191.

TRINDADE, Diego Puntel da. A função social da propriedade em cidades pequenas da Região do Vale do Rio Pardo - RS: o caso de Sobradinho. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. 197 p.

Rogério Leandro Lima da Silveira. Geógrafo. Doutor em Geografia. Universidade de Santa Cruz do Sul. Docente. Pesquisador do CNPq. Rua Dr. André Bator, 72. Santa Cruz do Sul-RS. CEP: 96820-678. Email: rlls@unisc.br

Carolina Rezende Faccin. Arquiteta Urbanista. Mestre e Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. Rua Joaquim Nabuco, 215. Santa Cruz do Sul – RS. CEP: 96820-550 Email: faccincarolina@gmail.com

Luana Pavan Detoni. Arquiteta e Urbanista. Doutora em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente. Rua Gomes Jardim, 1150, Apto. 205, Porto Alegre - RS. CEP: 90620-130. E-mail: luanadetoni@gmail.com

Paulo Jorge Riss da Silva. Arquiteto e Urbanista. Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Regional. Universidade de Santa Cruz do Sul. Bolsista PROSUC-CAPES. Acesso Linha João Alves, 1185, Santa Cruz do Sul-RS. CEP: 96826-001. E-mail: pjriiss.silva@gmail.com

Submetido em: 22/09/2024

Aprovado em: 17/10/2024

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Conceituação (Conceptualization): Carolina, Luana e Rogério

Curadoria de Dados (Data curation) Carolina e Luana

Análise Formal (Formal analysis) Carolina, Luana e Rogério

Obtenção de Financiamento (Funding acquisition) Rogério

Investigação/Pesquisa (Investigation) Rogério, Carolina, Luana e Paulo

Metodologia (Methodology) Carolina, Luana

Administração do Projeto (Project administration) Rogério

Recursos (Resources) Carolina, Luana

Software Carolina

Supervisão/orientação (Supervision) Rogério

Validação (Validation) Rogério, Carolina e Luana, Paulo

Visualização (Visualization)

Escrita – Primeira Redação (Writing – original draft) Carolina, Luana e Rogério

Escrita – Revisão e Edição (Writing – review & editing). Rogério, Carolina e Luana

Fontes de financiamento: CNPq

